

GUERRA FRIA E DITADURA CIVIL-MILITAR NA CAPITAL DO CARVÃO

João Henrique Zanelatto¹

203

Resumo: O Município de Criciúma está localizado no sul catarinense, e ao longo do século XX sua economia se notabilizou pela exploração do carvão mineral. Constituiu-se no município, um grupo de empresários vinculados à exploração do carvão, os quais iriam participar e influenciar decisivamente nas disputas pelo poder político local e regional, e os trabalhadores das minas se organizando para lutar por melhores salários, condições de trabalho e moradia. Assim, o artigo tem por objetivo analisar os embates entre capital e trabalho em Criciúma no período de 1945 a 1977, com ênfase nos seguintes aspectos: a) a retórica anticomunista veiculado pela imprensa local em especial o Jornal Tribuna Criciumense, b) o golpe civil-militar de 1964 na cidade que levou a prisão de centenas de trabalhadores e a intervenção no Sindicato dos Mineiros, c) a instalação do GAC 28º - Grupo de Artilharia de Campanha - em 1977, articulado por mineradores, poder público local e militares

Palavras Chave: Trabalho, Capital, Guerra Fria, Ditadura.

COLD WAR AND CIVIL-MILITARY DICTATORSHIP IN THE COAL CAPITAL

Abstract: The Municipality of Criciúma is located in southern Santa Catarina, and throughout the twentieth century its economy was notable for the exploitation of mineral coal. A group of businessmen linked to the exploitation of coal was constituted in the municipality, who would participated in and decisively influenced the disputes by the local and regional political power, and the workers of the mines organizing themselves to fight for better wages, working conditions and housing . Thus, the article aims analyzing the clashes between capital and labor in Criciúma from 1945 to 1977, with an emphasis on

¹ Doutor em História, Docente dos Cursos de História e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico da Universidade do Extremo Sul Catarinense. Líder do grupo de pesquisa "História Econômica e Social de Santa Catarina".  <https://orcid.org/0000-0002-1754-1001>

the following aspects: a) the anti-communist rhetoric broadcast by the local press, especially the *Jornal Tribuna Criciumense*, b) the civil coup -military of 1964 in the city that led to the arrest of hundreds of workers and the intervention in the Union of Miners, c) the establishment of GAC 28º - Field Artillery Group - in 1977, articulated by miners, local government and military

Keywords: Labor, Capital, Cold War, Dictatorship.

GUERRA FRÍA Y DICTADURA CIVIL-MILITAR EN LA CAPITAL DEL CARBÓN

204

Resumen: El municipio de Criciúma está ubicado en el sur de Santa Catarina, y durante todo el siglo XX su economía fue notable por la explotación del carbón mineral. En el municipio se constituyó un grupo de empresarios vinculados a la explotación del carbón, que participaron e influyeron decisivamente en las disputas por parte del poder político local y regional, y los trabajadores de las minas que se organizaron para luchar por mejores salarios, condiciones laborales y vivienda. . Así, el artículo tiene como objetivo analizar los enfrentamientos entre capital y trabajo en Criciúma desde 1945 hasta 1977, con énfasis en los siguientes aspectos: a) la retórica anticomunista transmitida por la prensa local, especialmente el *Jornal Tribuna Criciumense*, b) el golpe civil -militar de 1964 en la ciudad que condujo al arresto de cientos de trabajadores y la intervención en la Unión de Mineros, c) la instalación del GAC 28º - Grupo de artillería de campo - en 1977, articulado por mineros, gobierno local y militares.

Palabras clave: Trabajo, Capital, Guerra Fría, Dictadura.

Introdução

Localizada no Sul Catarinense, Criciúma ficou conhecida nacionalmente como a capital do carvão. Isso se deve à exploração do carvão mineral na cidade no início do século XX. Esse processo crescente de exploração do carvão (em especial no contexto das guerras mundiais, que dificultaram a importação do carvão inglês) colocou Criciúma na condição de principal cidade do sul catarinense e uma das principais do Estado no final dos anos de 1950. Ficou conhecida também pela forte organização dos trabalhadores das minas de carvão, que se articulavam em torno do Sindicato dos Mineiros, criado em 1945, provocando preocupação nos setores dominantes da cidade.

A década de 1940 marcou o *boom* da mineração em Criciúma, pois no contexto da Segunda Guerra Mundial, o governo brasileiro ampliou os incentivos e subsídios à exploração do carvão. A mineração atraiu muitos trabalhadores, entre 1940 e 1950, a população de Criciúma praticamente dobrou. Constituiu-se na cidade um grupo de empresários vinculados à exploração do carvão, os quais iriam participar e influenciar decisivamente nas disputas pelo poder político local e regional, e os trabalhadores das minas se organizando para lutar por melhores salários, condições de trabalho e moradia.

Destarte, o artigo tem por objetivo analisar os embates entre capital e trabalho em Criciúma no período de 1945 a 1977, com ênfase nos seguintes aspectos: a) a retórica anticomunista veiculado pela imprensa local em especial o Jornal Tribuna Criciumense, b) o golpe civil-militar de 1964 na cidade que levou a prisão de centenas de trabalhadores e a intervenção no Sindicato dos Mineiros, c) a instalação do GAC 28º - Grupo de Artilharia de Campanha - em 1977, articulado por mineradores, poder público local e militares².

Assim, o artigo se opõe as narrativas em que o golpe de 1964 teria impedido qualquer possibilidade de luta ou resistência ao regime, pois procurou dismantelar os movimentos sociais e as organizações sindicais, colocá-las na ilegalidade, perseguir e prender suas principais lideranças. Essa pesquisa buscou revelar que empresários e militares se associaram e criaram o GAC 28º - Grupo de Artilharia de Campanha em 1977 por temor das organizações operárias que não foram silenciadas no pós-64. Portanto, o artigo revela que as vozes dissonantes contra a ditadura não estavam concentradas somente nos grandes centros urbanos aonde havia uma maior concentração de operários como já abordado nas pesquisas de (SANTANA, 2008. CORREA. FONTES, 2016. NEGRO, 2015. RAMALHO. ESTERCI, 2014.)

Os estudos dos autores citados acima, dedicados à análise do sindicalismo após o golpe apontaram para caminhos muito promissores e inspiradores sobre as práticas sindicais, mas também evidenciaram uma série de resistências cotidianas dentro e fora do espaço fabril, destacaram ainda a relevância das conexões entre os locais de trabalho e as comunidades

² As discussões deste escrito foram produzidas no Grupo de Pesquisa “História Econômica e Social de Santa Catarina”, vinculado ao CNPq. Outros estudos que abordam temática ver: (TRICHES. ZANELATTO, 2015). (ZANELATTO. TRICHES. CAROLA, 2016). (ZANELATTO. CAMPOS, 2018).

operárias. Trilhando esta perspectiva o artigo em tela, buscou demonstrar que os trabalhadores de Criciúma não foram calados durante a ditadura civil-militar, mesmo com todas as estratégias criadas pelo capital associado aos militares.

A retórica anticomunista na imprensa local

Como exposto, Criciúma ficou conhecida nacionalmente como a capital do carvão. Isso se deve à exploração do carvão mineral na cidade no começo do século XX. Esse processo crescente de exploração do carvão (em especial no contexto das guerras mundiais, que dificultaram a importação do carvão inglês, e pelo fato de o Estado passar a investir e subsidiar a produção do mineral) colocou Criciúma na condição de principal cidade do sul catarinense e uma das principais do Estado no final dos anos de 1950. Ficou conhecida também pela forte organização dos trabalhadores das minas de carvão, que se articulavam em torno do Sindicato dos Mineiros, criado em 1945, o qual causava preocupação nos setores dominantes da cidade.

Além das mudanças políticas que se processaram no período e que serão analisadas em seguida, a década de 1940 marcou o *boom* da mineração. Por ocasião da Segunda Guerra Mundial, o governo brasileiro ampliou os incentivos e subsídios à exploração do carvão. Entre 1940 e 1950, a população de Criciúma praticamente dobrou, pois, a mineração atraiu trabalhadores dos vários municípios da região e até de outros estados. Ao mesmo tempo que foi se constituindo um grupo de empresários vinculados à exploração do carvão, os quais iriam participar e influenciar decisivamente nas disputas pelo poder político local e regional, os trabalhadores das minas foram se organizando para lutar por melhores salários, condições de trabalho e moradia. Assim, em 1944, foi criada a Associação dos Trabalhadores na Extração de Carvão de Criciúma, que, em maio do ano seguinte, recebeu a carta sindical, passando a chamar-se Sindicato dos Trabalhadores na Extração de Carvão de Criciúma (VOLPATO, 1984). Além das intensas lutas desenvolvidas pelo sindicato, os trabalhadores articularam suas lutas no âmbito partidário, em especial no PCB e no PTB.

Os anos de 1950 marcam um período de extrema importância para os trabalhadores brasileiros. O movimento sindical, liderado pela aliança das militâncias comunista e trabalhista, conseguiu grande avanço organizativo e mobilizatório, o que resultou em uma forte participação dos trabalhadores no seio da sociedade e na vida política nacional (SANTANA, 2008, p. 279).

Zanelatto, *Guerra Fria e ditadura civil-militar na capital do carvão*

O contexto internacional era o da “Guerra Fria”, do mundo polarizado: de um lado, a União Soviética e os países que haviam adotado o socialismo. De outro, os países capitalistas liderados pelos Estados Unidos. O Brasil e também a América Latina (excetuando Cuba, que fez uma revolução em 1959 e adotou o socialismo) eram considerados países periféricos sob o controle norte-americano. No contexto nacional, o Brasil vivenciava um processo de urbanização, industrialização, organização e participação política da sociedade civil (VOLPATO, 1984. VIZENTINI, 2003). Foi nesse contexto que se processaram a organização partidária e as disputas políticas em Criciúma, no período de 1945-1964, e que também foi criado o jornal *Tribuna Criciumense*, o qual deu visibilidade para essas disputas.

O jornal *Tribuna Criciumense* foi o único noticiário impresso que circulou na cidade durante o período de 1955 a 1965. Ele exerceu grande influência na construção de ideias e do imaginário da população cricumense, principalmente relacionada ao ideário comunista. Foi a partir da década de 1950 que o imaginário anticomunista marcou presença na sociedade brasileira, e os meios de comunicação participaram ativamente na construção desse imaginário. O comunismo seria então caracterizado como o “perigo vermelho” (MOTTA, 2002).

Criado no município em 2 de maio de 1955, o jornal *Tribuna Criciumense* passou por três fases distintas em sua administração até o ano de 1965, sendo possível evidenciar um forte posicionamento anticomunista expresso em suas páginas durante a primeira e a terceira fase.

Durante a primeira administração (1955-1961), o discurso anticomunista começou a aparecer em compasso lento. O contexto da Guerra Fria começou a gerar ideias e posicionamentos anticomunistas e em apoio aos EUA. Na segunda fase (de março a outubro de 1961), encontrou-se um posicionamento diferente da fase anterior, ou seja, notícias sobre Cuba e outros países que aderiram ao comunismo durante o processo da Guerra Fria foram vistos e interpretados de maneira positiva³. Durante a terceira fase (de novembro 1961 até a década de 1980⁴), o discurso contrário ao comunismo se fortaleceu cada vez mais e marcou as páginas do jornal *Tribuna Criciumense*. Nesse sentido, o medo do suposto ataque comunista foi um dos discursos utilizados para que João Goulart fosse deposto do cargo de presidente da República e o Brasil sofresse o golpe civil-militar em 1964.

³ Neste escrito vamos abordar somente a terceira fase do jornal. Sobre a primeira e segunda fase do jornal ver: (ZANELATTO. CAMPOS, 2018).

⁴ Nesse artigo jornal foi analisando até o ano de 1968.

A terceira fase do jornal teve início em fins de 1961 quando o empresário Sebastião Netto Campos comprou o noticiário dos comunistas. Campos⁵ nasceu no dia 1º de agosto de 1925, na cidade de Catalão, em Goiás. Formou-se no ano de 1949, no curso superior de Químico Industrial. Em 1950, viaja para o Rio de Janeiro, onde foi nomeado pelo então presidente Eurico Dutra, como Tecnologista Químico no Ministério da Agricultura, em Praia Vermelha, na Urca; além disso, mudou de partido político, filiando-se à UDN – União Democrática Nacional.

Poucos meses depois, foi transferido para Criciúma para ocupar uma vaga de químico no Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), chegando, pela primeira vez, ao município em maio de 1950. Após o cargo no DNPM, Sebastião trabalhou em algumas carboníferas da região, como no ano de 1957, em que foi contemplado com o cargo de gerente da CBCA (Companhia Brasileira Carbonífera Araranguá), mais adiante se tornando proprietário dessa carbonífera. Também exerceu cargos no sindicato dos mineradores (CAMPOS, 2001).

Nessa fase, o jornal voltou a ser um instrumento de defesa dos interesses dos empresários da cidade, em especial dos mineradores. Nesse contexto, as tensões em âmbito internacional e nacional favoreceram a ampliação do discurso anticomunista na cidade. Assim, o fortalecimento de um discurso voltado para o empresariado da cidade voltou a aparecer como posicionamento do noticiário. As notícias foram apresentadas aos leitores em forma de manchetes, que abordavam e apontavam para acontecimentos referentes ao regime comunista como algo desestabilizador dos bons costumes da família brasileira, além de destacarem que o regime era uma ameaça aos governos, principalmente quando se tratava de João Goulart na presidência da República, uma vez que este continuava sendo visto como um simpatizante dos comunistas (ZANELATTO. CAMPOS, 2018).

O jornal *Tribuna Criciumense* foi utilizado durante todo o período pré-golpe como um instrumento de disseminação dos interesses dos setores conservadores, em apoio às forças armadas, como a melhor solução para impor novamente a paz no Brasil. No início dessa fase, o noticiário trouxe pequenos textos apontando para a moral e os seguimentos religiosos católicos,

⁵ Foi criado em uma família tradicional e sob forte influência política. Seu pai, Lourival Álvares Campos, era deputado estadual em Goiás no ano de seu nascimento. No ano de 1945, Campos mudou-se para a cidade de Curitiba a fim de prestar o vestibular e formar-se no curso de engenharia química. No período em que permaneceu em Curitiba, filiou-se, pela primeira vez, a um partido político, o PSB – Partido Socialista Brasileiro (CAMPOS, 2001).

que, aos poucos, foram sendo utilizados e engrandecidos em comparação a uma suposta doutrina comunista (ZANELATTO. CAMPOS, 2018).

Em um dos textos deixou evidente o quão perigoso seria uma ditadura comunista, pois, para eles, tantas mudanças na conjuntura governamental e social trariam uma desordem significativa para o País. Assim, o discurso voltou-se diretamente para a classe trabalhadora, procurando mostrar o que perderiam com o suposto governo comunista.

Nosso operário é exemplo de retidão e sabe que o entendimento deve imperar, para a felicidade de sua própria família. É verdade nua e crua dos fatos, queiram ou não os contumazes intrigantes deste município. Não, meus amigos, chega de tanta injúria. Tentemos elevar, cada vez mais, o bom nome de nossa terra. Mas não tentar espezinhar os que podem e vêm fazendo tanta coisa por ela. Onde não há patrão, não há empregado e onde não há harmonia entre classes não pode haver também o progresso, degenerando para a desavença e muitas vezes para sacrifícios físicos. Norteemo-nos por este princípio e façamos de Criciúma o que ela e seu laborioso povo merecem. (JORNAL TRIBUNA CRICIUMENSE, 15 de janeiro de 1962).

O texto do jornal, evidencia um discurso corporativista, em um contexto em que a organização dos trabalhadores das minas de carvão estava em ebulição. Por sua vez, os mineradores, preocupados com a crescente mobilização dos trabalhadores e por uma articulação do empresário Diomício Freitas, que era deputado federal, conseguiram criar o Sindicato dos Mineiros de Rio Maina, em 1962, com o objetivo de dividir a categoria. Para Volpato (1984), os anos de 1957 a 1964 apontam para um período de grande militância e luta pelos direitos trabalhistas no sindicato dos mineiros. Isso causava preocupação aos mineradores, contribuindo para que acirrassem o discurso anticomunista na imprensa.

Outras reportagens seguiram o mesmo discurso com uma linguagem direcionada para atingir o pensamento do trabalhador, associando-o à sua família, ao seu lar e ao seu trabalho. Justificavam-se apontando para o crescimento econômico que o país vinha experimentando e alertavam que o trabalhador, acerca disso, deveria refletir sobre tantos benefícios que já havia obtido – melhores condições de vida e de trabalho –, antes de reclamar e se deixar levar por ideologias alheias.

Não há mais dúvida alguma, ao menos para os que lêem, [sic] pensam e meditam um pouquinho que seja, que, no Brasil, o nível de vida do povo melhorou no sentido de ter melhores coisas, de adquirir o que deseja com Zanelatto, *Guerra Fria e ditadura civil-militar na capital do carvão*

mais facilidade, de gozar com mais frequência dos frutos da civilização, embora esteja defeituosa. Não há dúvida, também, de que este mesmo povo adquiriu um muito mais crescido sentido de seu valor, de sua consciência, de seus direitos, embora venha várias vezes desprezando suas obrigações. Um povo assim pode melhorar uma nação ou arrastá-la para um extremo qualquer de governo: fascista, ditatorial ou comunista. (JORNAL TRIBUNA CRICIUMENSE, 13 de abril de 1963).

A reportagem procurava amedrontar os trabalhadores – por um lado, apontava para uma suposta melhora das condições de vida dos trabalhadores, reconhecia que estes adquiriram consciência de classe e, portanto, de seus direitos; mas, por outro, enfatizava que a civilização estava defeituosa e que os trabalhadores não cumpriam suas obrigações, o que poderia levar o país para o fascismo ou o comunismo. Portanto, a reportagem, com um tom intimidador, tinha um alvo certo – os trabalhadores das minas de carvão que vinham se articulando e lutando por direitos já há algum tempo.

Os anos que antecederam ao golpe civil-militar, sob o governo de João Goulart, foram marcados pela pressão e articulação dos setores conservadores - o inconformismo da UDN, juntamente com setores da igreja e os militares, deixa ainda mais acirrado o discurso anticomunista no País.

Em um contexto em que vigorava o sistema parlamentarista imposto ao País, João Goulart era praticamente uma figura “decorativa” no governo, pois as decisões eram tomadas pelo Primeiro Ministro. Jango, assim como grande parte da população, não acreditava no sucesso do parlamentarismo. Enquanto lutava por um plebiscito defendendo a volta do presidencialismo, a direita persistia contra ele.

No segundo semestre de 1962, a batalha pelo Brasil em meio à Guerra Fria se acirrou. As esquerdas reafirmaram seu projeto político a partir do tema das reformas, que para alguns era o começo da “Revolução Brasileira”. As direitas, ainda assustadas com o fracasso do golpe contra a posse de Jango, procuravam novas táticas e novos sócios para sua conspiração. As eleições para os governos estaduais e para o legislativo daquele ano serviram de laboratório para novos ataques ao presidente reformista. (NAPOLITANO, 2014, p. 37).

A mobilização articulada por João Goulart conseguiu antecipar a eleição para que o povo escolhesse entre o parlamentarismo e o presidencialismo. O plebiscito aconteceu no dia 6 de janeiro de 1963. A esquerda trabalhista sentia-se vitoriosa, enquanto a tensão continuava nos

Zanelatto, Guerra Fria e ditadura civil-militar na capital do carvão

setores de direita, como demonstraram as páginas do jornal *Tribuna Criciumense* nessa fase. A discussão sobre o plebiscito solicitado por Jango apareceu em uma das reportagens que, de forma sucinta, alegou uma futura crise em consequência do ato.

Noticia-se que o presidente João Goulart teve longa entrevista com o governador de Minas Gerais, Sr. Magalhães Pinto, no sentido de novas e enérgicas providências para compelir a Câmara dos Deputados a votar nova data para a realização do plebiscito sobre o parlamentarismo. Para isto, haverá revisão nos quadros de auxiliares militares e civis da Presidência, medidas em conjunto que poderão gerar outra crise como a havida há pouco tempo com a indicação do novo premiê. (JORNAL TRIBUNA CRICIUMENSE, 28 de julho de 1962).

Após a realização do plebiscito, Jango assumiu com plenos poderes e iniciou as chamadas reformas de base. As reformas propostas pelo presidente geraram um inconformismo absoluto entre a direita nacional e os interesses norte-americanos. Conforme Napolitano a grande maioria das propostas de Jango não teve sucesso e que, para além de tantas acusações, desconfiavam de um suposto “[...] golpe de Estado apoiados nos setores subalternos das Forças Armadas” (NAPOLITANO, 2014, p. 41).

Aos poucos, a crise do governo João Goulart foi se fortalecendo a cada decisão e atitude tomada no congresso. O presidente tentou se aproximar da população na tentativa de ganhar força e apoio do legislativo. Suas tentativas de reforma fracassaram, não conseguiram apoio no congresso. Assim, foi dado o Golpe Civil-Militar em 31 de março de 1964, iniciou-se a fase de glória da direita udenista e dos outros setores que lhe davam apoio. As manchetes que estavam estampadas nas páginas do jornal eram os discursos dos setores dominantes que se sobressaíam outra vez (ZANELATTO. CAMPOS, 2018).

Com o título “*Superada a crise – Vitória do movimento rebelde*”, uma página tomada por recortes glorificando a derrota de João Goulart e a posse dos militares no governo do Brasil. Descaradamente, o discurso vitorioso do governador Carlos Lacerda foi aplaudido e proliferado pelo noticiário: “Não te aproximes. Não te queremos matar, mas estamos prontos para repelir os que aqui te mandaram. E se tu atirares morrerás também. Não queremos matar, mas não estamos dispostos a morrer na hora da vitória” (JORNAL TRIBUNA CRICIUMENSE, 3 a 11 de abril de 1964).

A matéria declarava que João Goulart “renunciou” e que não se sabia por onde andava o presidente. Além disso, as notícias abordavam o que ocorria no Rio de Janeiro e em São Paulo e destacavam: *Povo carioca festeja vitória*, além de *grande desfile em São Paulo*, aclamando a vitória comemorada. As detenções de última hora em Criciúma também faziam parte da manchete. “O Dr. Helvidio Veloso, delegado Regional de Criciúma, recebeu e está cumprindo ordem de Florianópolis para deter e interrogar diversas pessoas de nossa cidade. A polícia cricumense deu também uma batida no Sindicato dos Mineiros onde foram apreendidos alguns cassetetes” (JORNAL TRIBUNA CRICIUMENSE, 3 a 11 de abril de 1964).

Logo após o golpe em 1964, foi decretada uma greve geral entre os mineiros da região, uma forma de protesto contra o golpe. “O sindicato dos trabalhadores na indústria da Extração de Carvão de Criciúma ‘estava na mira’ do novo governo que se instalou no país. No dia 10 de abril de 1964, ocorreu a prisão dos principais líderes e dirigentes sindicais de Criciúma” (VOLPATO, 1984, p. 120).

O noticiário prestigiou a posse do primeiro presidente militar como o início de uma fase de progresso para o País. *Castelo Branco presidente - Brasil Busca Melhores Dias*, foi como anunciaram as “boas-vindas”. “Exatamente às 15:20 horas de quarta-feira, dia 15, o Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco assumiu a Presidência. Em todos os recantos do país a posse foi saudada pelo repicar dos sinos e com esperanças o povo brasileiro aplaudiu Marechal Castelo Branco” (JORNAL TRIBUNA CRICIUMENSE, 18 a 25 de abril de 1964).

As promessas de um governo baseado nas leis e nas tradições foram assimiladas no jornal como um governo que garantiria o futuro e o progresso da nação. Deu destaque a uma política internacional com países “livres”. Em comparação ao governo de João Goulart, outra reportagem trouxe um recorte apostando em melhoras com o novo presidente Castelo Branco:

Uma vassourada na demagogia, na agitação, na improbidade, na corrupção e um reformismo lúcido, honesto, consciencioso que, sem anunciar imediatas melhorias impossíveis, realmente conduza a nação, pelo roteiro do desenvolvimento e do progresso, eis que espera o Brasil deste que agora assume a suprema magistratura da República contando com a confiança da imensa maioria de seus concidadãos. (JORNAL TRIBUNA CRICIUMENSE, 25 a 2 de maio de 1964).

Pouco tempo depois, o governo do presidente Castelo Branco rompeu relações internacionais com Cuba, persistindo a “luta” contra os comunistas, como demonstrou o *Tribuna*

Zanelatto, *Guerra Fria e ditadura civil-militar na capital do carvão*

Criciumense: “O governo do presidente Humberto Castelo Branco rompeu dia 13 as relações diplomáticas com Cuba. A decisão tomada pelo governo brasileiro está em perfeita consonância com os propósitos de não admitir ação comunista no território nacional [...]” (JORNAL TRIBUNA CRICIUMENSE, 16 a 23 de maio de 1964).

A notícia foi recebida com satisfação, por acreditarem que o novo presidente estava cumprindo suas promessas, as quais eram constantemente apoiadas pela direita brasileira. O texto também foi usado para criticar o governo de Fidel Castro e enaltecer os norte-americanos.

O golpe civil-militar em Criciúma

Como já exposto, no contexto no qual se processou o golpe civil-militar de 1964 a cidade de Criciúma vivenciava dois momentos: de um lado, observa-se a intensa mobilização empreendida pelos trabalhadores das minas de carvão. E do outro lado, o período foi também marcado pelo domínio das indústrias carboníferas, mas pelo início da diversificação econômica com o aparecimento de outros setores econômicos em Criciúma.

O início dos anos de 1960 foi marcado por intensa mobilização dos mineiros de Criciúma. As mobilizações e greves não exigiam somente melhores salários, mas também melhores condições de trabalho, compensação pelo trabalho insalubre e energia elétrica nas vilas, entre outras questões que estavam na pauta de reivindicações e motivavam os movimentos dos operários das minas de carvão da região. Esta intensa mobilização foi parcialmente interrompida com o golpe militar de 1964, que entre seus primeiros atos processou a intervenção no Sindicato dos Mineiros de Criciúma. (MIRANDA, 2013, p. 123)

Desde o final dos anos de 1950 o sindicato vinha sendo dirigido por diretorias que eram consideradas combativas, pois estavam sintonizadas com as lutas e as resistências dos trabalhadores. (VOLPATO, 1984). Além das lutas travadas no espaço fabril, muitos trabalhadores foram articulando suas lutas na organização partidária, em especial no PCB e no PTB.

o golpe civil-militar de 1964 foi, sobretudo, uma reação à ação organizada dos trabalhadores urbanos e rurais, que se mobilizaram em massa pelas reformas de base. Os militares e seus aliados civis, em particular no mundo empresarial, queriam, em grande medida, impedir o avanço da tão temida “República Sindicalista” e não foi à toa que as tropas militares comandadas pelo general Olímpio Mourão, na madrugada do dia 31 de março para o dia Zanelatto, *Guerra Fria e ditadura civil-militar na capital do carvão*

primeiro de abril de 1964, invadiram a Fábrica Nacional de Motores – símbolo do nacionaldesenvolvimentismo da Era Vargas – localizada estrategicamente na estrada que liga Minas ao Rio, para prender e isolar os trabalhadores (CORREA. FONTES, 2016, p. 133).

Em relação ao processo de diversificação econômica de Criciúma, este foi se processando de forma incipiente no final dos anos de 1940 e durante a década de 1950, mas eram ainda ofuscados pela indústria mineradora. A partir da década de 1960, novos setores industriais vão tomando conta da paisagem econômica local. Os resultados positivos gerados pelas “novas” atividades (cerâmica, metalúrgico, vestuário...) fez com que vários empresários do setor extrativista passassem a se dedicar também a um desses novos setores que vinham em crescimento. (GOULARTI FILHO. NETO, 1997. SANTOS, 2002).

Mesmo com processo de diversificação econômica, as atividades principais da cidade eram a mineração e a agricultura, com maior destaque para a primeira. Cabe lembrar que o boom da mineração ocorreu no contexto da segunda guerra mundial - despontou significativamente, a população da cidade praticamente dobrou, atraiu trabalhadores dos vários municípios do sul catarinense, de várias regiões do estado e também de outros estados. Este processo de migração continuo e o rápido crescimento da exploração do carvão mudou a paisagem da cidade e aumentou a exploração dos trabalhadores (CAROLA, 2004. TICHÊS. ZANELATTO, 2015).

Foi diante deste cenário de mudanças econômicas e de lutas dos trabalhadores que Criciúma vivenciou o golpe militar e a instalação novamente, na história da República, de um regime autoritário imposto pela utilização da força, apoiado pelos grandes empresários nacionais e estrangeiros, por setores conservadores da igreja católica, pelos partidos políticos de direita alinhados com a perspectiva do liberalismo econômico e com a política norte americana para a América Latina (OLIVEIRA, 1987. VIZENTINI, 2003).

Em Santa Catarina, o município de Criciúma foi um dos que mais ofereceu resistência ao movimento militar armado de 31 de março de 1964. Às 23 horas daquele dia, o Comando Geral dos Trabalhadores determinava greve geral no país. Os trabalhadores locais, a maioria simpatizante ou filiada ao PTB e ao PCB, começam a articular uma frente municipal de resistência. A intenção era repetir a cadeia de legalidade de 1961, quando grupos locais se uniram a uma das tropas do 3º Exército de Porto Alegre, se entrincheiraram nas proximidades de Içara e deram sua parcela de contribuição para garantir a posse constitucional de João Goulart (ZANELATTO. TRICHÊS. CAROLA, 2016).

Zanelatto, *Guerra Fria e ditadura civil-militar na capital do carvão*

A orientação do Comando Geral dos Trabalhadores, veiculada pelas emissoras de rádio, foi recebida pelo presidente do Sindicato dos Mineiros, Jorge João Feliciano, membro do PCB que atuava no PTB, e que havia participado do comício de 13 de março na Central do Brasil, no Rio de Janeiro. Às duas horas da madrugada, Feliciano já estava com a diretoria do sindicato reunida, que analisa a situação nacional e vai para as minas de carvão. O 1º dia de abril amanhece com todas as minas completamente paralisadas. Entre trabalhadores da ativa e aposentados, o sindicato conseguiu reunir cerca de seis mil pessoas na praça Nereu Ramos, no centro da cidade. (TRICHÊS. ZANELATTO, 2015. ZANELATTO. TRICHÊS. CAROLA, 2016. FELICIANO, entrevistado em 20 de outubro - 1992).

Em assembleia anterior, com a presença de policiais infiltrados (isso havia tornado uma constante), o presidente havia dito que o Sindicato comprara armas. O blefe visava impedir que a polícia invadisse o prédio, prendesse a diretoria e colocasse os demais a correr. A polícia local, comandada pelo delegado Helvídio de Castro Velloso Filho, rondava o sindicato e a Rádio Difusora (de onde os grevistas comandavam a greve), mas não interferia. Enquanto isso, o batalhão do exército de Tubarão ganhava posição, chegava a Jaguaruna e de lá enviava emissários ordenando que a rádio fosse fechada. O comando da resistência devolvia a ordem, sugerindo que o próprio exército fosse a Criciúma tomar a providência. Com a mesma informação da polícia, o exército não chegava, porque acreditava que os trabalhadores estivessem armados. (FELICIANO, entrevistado em 20 de outubro - 1992).

Acuados entre a polícia local e o exército de Tubarão, no dia 02 de abril os resistentes mandam um mensageiro à capital gaúcha. Ao contrário de 1961, desta vez o 3º Exército aderira ao golpe. No mesmo dia 02 de abril, por volta das 17 horas, o presidente do Sindicato passa na rádio e grava mensagem determinado que os trabalhadores voltassem ao trabalho e que aquela luta estava perdida. Quando a mensagem foi veiculada, cerca de uma hora depois, muitos trabalhadores voltaram às minas, outros foram para casa e alguns trataram de fugir. Horas depois, o exército chegava e passava a dominar a situação. A resistência dos petebistas e comunistas tinha chegado ao fim. (FELICIANO, entrevistado em 20 de outubro - 1992).

Enquanto o deputado federal Leonel Brizola tentava em vão rearticular a cadeia da legalidade e o presidente João Goulart voava de Brasília para procurar refúgio no Rio Grande do Sul, não restou aos petebistas e comunistas locais outra alternativa senão tentar se salvar (TRICHÊS. ZANELATTO, 2015) Segundo Feliciano, alguns conseguiram fugir. Explica que ele e seu vice, Raimundo Verdieri, foram aconselhados por um médico a escapar, pois ninguém tinha a mínima ideia do que iria acontecer com os resistentes, se o exército prenderia ou chegaria

Zanelatto, Guerra Fria e ditadura civil-militar na capital do carvão

atirando para matar. (FELICIANO, entrevistado em 20 de outubro - 1992). Os dois sindicalistas relutaram, mas acabaram acatando a sugestão do médico, pegaram um revólver, seu carro e dinheiro emprestado, um motorista para guiar e partiram. Durante uma semana, ficaram foragidos, escondidos em São Bento Alto, localidade do vizinho município de Nova Veneza. Em nove de abril os fugitivos se apresentaram e foram presos (ZANELATTO. TRICHÊS. CAROLA, 2016).

As atividades do presidente do Sindicato dos Mineiros de Criciúma foram bem detalhadas no relatório do Coronel Newton Machado Viera⁶. No relatório Jorge Feliciano então presidente do Sindicato é colocado como um dos principais responsáveis pelos últimos acontecimentos na cidade e que teria prestado depoimento muito sincero.

Não parece dúvida, pois, que tomou parte das mais ativas nos últimos acontecimentos, inclusive fazendo fechar as minas em greve geral (...). Aliás, sua participação nestes dias não se restringiu somente ao fechamento das minas, mas agitou tremendamente no Sindicato dos Mineiros e na Rádio Difusora, fato que não negou em seu depoimento, o que veio coincidir com as declarações das testemunhas Ernesto Hilário e do dr. Helvídio de Castro Velloso Filho e dos indiciados Gil Braz Zobot Correia, Waldemar Bresciani e Manoel Garcia. (COIMBRA, 1996: 91).

No relatório o Coronel relacionou outras atividades que considerou subversiva e que não se limitavam aos acontecimentos daqueles dias, pois vinham se processando há muito mais tempo. Dentre elas destacam-se os discursos em assembleias do Sindicato, reuniões com Aldo Dietrich, telegramas enviados à Rádio Mayrink Veiga e ao presidente João Goulart, fazia parte do programa “Hora Sindical” de caráter agitado, fomentou greves políticas e ilegais paralisando as atividades da Carbonífera Metropolitana, assinou o manifesto “pró-Cuba”... E na delegacia de polícia da cidade estava fichado como comunista, foi acusado de tal por várias testemunhas arroladas no Inquérito Policial Militar, entre elas o padre Estanislau Cizeski, considerado pelo sindicalistas um inimigo que estava sempre a serviço dos mineradores (ZANELATTO. TRICHÊS. CAROLA, 2016).

As ações dos golpistas foi bem-sucedida. Em Criciúma, a Rádio Difusora, outrora um dos espaços da resistência civil, foi fechada. O Sindicato dos Mineiros foi posto sob intervenção e grande parte de sua diretoria presa. Simultaneamente, começaram a prender as demais

⁶ O coronel Newton Machado Vieira, foi responsável por instaurar o Inquérito Policial Militar no sul catarinense.

lideranças que haviam articulado a resistência ao golpe. No mesmo dia 02 de abril, o Exército prenderia a maioria da executiva do PTB, seu presidente Addo Vânio de Aquino Faraco e dois de seus vereadores, José Martinho Luíz e Abílio dos Santos, além do médico Manif Zacharias, um dos principais quadros do PCB local. (FELICIANO, entrevistado em 20 de outubro - 1992).

Neste contexto de prisões transcorreu o relatório do Inquérito Policial Militar feito pelo Coronel Newton Machado Vieira. Nele listou os nomes dos principais “agitadores comunistas” e sindicalistas de Criciúma e região carbonífera. Entre eles: “Armando Marcílio, Doutel de Andrade e Addo Vânio de Aquino Faraco, pois estes dois, inclusive, são sócios da ZYT-52 – Rádio Difusora de Criciúma, um dos principais focos de agitação, pois, nos últimos acontecimentos, foi daí que se tentou comandar um movimento de rebeldia à revolução vitoriosa” (COIMBRA, 1996, p. 89). O relatório ainda destacava

Paralelo a esta rádio como foco permanente de agitação tínhamos os Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Extração do Carvão de Criciúma, desde 1957 entregue às mãos do advogado e perigoso comunista dr. Aldo Pedro Dietrich, ora foragido, que era, aparentemente e por dever de ofício, simples causídico daquele Sindicato, mas na realidade, era o seu legítimo dono, aquele que comandava todas as suas ações, sendo as diretorias eleitas mero instrumento de ação nas mãos daquele vermelho (COIMBRA, 1996, p. 90)

A segunda grande triagem ocorreria no estádio do Comerciarío Esporte Clube, (atualmente Estádio do Criciúma Esporte Clube) que foi usado para interrogar cerca de mil trabalhadores, de Criciúma e municípios vizinhos, a quase totalidade deles com alguma ligação com o PTB e o PCB. De lá, alguns foram diretamente para a prisão e os demais foram liberados. Posteriormente, ocorreriam ainda inúmeras outras prisões, feitas geralmente de dia, a partir de detenções feitas em casa, em bares e nas minas, sem qualquer explicação (ZANELATTO. TRICHÊS. CAROLA, 2016).

A primeira prisão local usada para deter os presos políticos foi o colégio estadual Professor Lapagesse, onde permaneceram incomunicáveis por 15 dias. Depois, foram transferidos para o prédio do Plano de Carvão Nacional, repartição do governo requisitada pelos militares, localizada na rua Coronel Pedro Benedet, próximo do Hospital São José. Com as prisões feitas pelo Exército de Tubarão, sediou-se em Criciúma o 23º Regimento de Infantaria de Blumenau, a quem competiu realizar os inquéritos policiais militares, chefiado pelo coronel

Zanelatto, Guerra Fria e ditadura civil-militar na capital do carvão

Nilton Machado Vieira. Na prisão improvisada, as lideranças políticas e sindicais foram distribuídas em grupos. Os principais líderes foram postos em celas isoladas, de modo a impedir qualquer possibilidade de contato entre eles e seus liderados. Os períodos de prisão variaram de preso para preso, numa média entre 45 e 90 dias, era o tempo dos interrogatórios que giravam sempre em torno dos mesmos temas: comunismo, resistência à “revolução”, paralisações, o apoio dado a Jango em 1961. Além das sessões frequentes de interrogatórios, os presos podiam receber visitas da família uma vez por semana, durante duas horas, ler jornais e ouvir rádio. (TRICHÊS. ZANELATTO, 2015)

Quando finalizaram os interrogatórios, alguns presos políticos, como o presidente do Sindicato dos Mineiros, Jorge João Feliciano, ficou detido no prédio do Plano de Carvão Nacional. Outros foram removidos para as instalações da Marinha e do Exército em Florianópolis. Um terceiro grupo, incluído aí o presidente do PTB local preso e incomunicável por 69 dias, foi levado de ônibus para o Paraná. Faraco ficou preso na da polícia militar de Curitiba, porque era deputado estadual. Os demais petebistas e comunistas foram encarcerados na penitenciária do Estado. Presos entre seis e oito dias na capital paranaense, alguns foram mandados embora. Permaneceram detidos o deputado e mais dois companheiros do partido. Posteriormente, eles também seriam liberados, mas com a determinação expressa de darem presença diária no DOPS e não retornarem a Santa Catarina (TRICHÊS. ZANELATTO, 2015).

Passados três meses, uma ordem do presidente Castelo Branco determinaria a soltura e a possibilidade de os presos responderem aos inquéritos policiais militares fora das prisões. Soltos, os “subversivos” tinham periodicamente que prestar depoimento na 5ª Região Militar de Curitiba, para onde os processos tinham sido enviados. Em novembro de 1968, a auditoria militar da 5ª Região julgaria os processos de Addo Vânio de Aquino Faraco, Aldo Dietrich, Manoel Garcia, Raimundo Verdieri, Obadias Gonçalves, Manoel Ribeiro e Clóvis Vilatore, acusados de participação nos acontecimentos políticos que antecederam 31 de março de 1964. Todos foram absolvidos por quatro votos contra um. Os demais processos seriam julgados posteriormente. (TRIBUNA CRICIUMENSE, 16 de novembro de 1968).

Se os militares patrocinaram indiscriminadamente inúmeras prisões, coube à Câmara de Vereadores de Criciúma promover a cassação de mandatos legislativos. Segunda maior força no Legislativo com quatro representantes, o PTB foi o único partido a ser afetado e teve sua bancada reduzida à metade. Os vereadores petebistas, Abílio dos Santos e José Martinho Luiz, detidos em abril, tiveram seus mandatos cassados de maio a novembro de 1964. As cassações, inspiradas no

Ato Institucional nº 01 de 09 de abril de 1964, foram feitas pelo PSD. A UDN se manteve omissa (ZANELATTO. TRICHÊS. CAROLA, 2016).

A Câmara de Vereadores, no dia 18 de maio de 1964 recebe e aprova um decreto do prefeito Arlindo Junkes, prorrogando até 31 de maio a vigência da Comissão de Inquérito, instaurada na prefeitura para levantar quaisquer atividades dos servidores municipais que tivessem ferido a Lei de Segurança Nacional. Na mesma data, recebe ofício nº 021/64 do coronel Newton Machado, encarregado do inquérito policial militar na cidade, fazendo menção sobre os vereadores José Martinho Luiz e Abílio dos Santos (TRICHÊS. ZANELATTO, 2015).

Os dois vereadores haviam sido presos, junto com outras lideranças e militantes do PTB e PCB, em 02 de abril. José Martinho Luiz ainda havia sido demitido da prefeitura e tinha entrado na justiça contra a administração municipal, pedindo sua reintegração ao quadro funcional. Na prisão em Florianópolis, os dois ficaram detidos por cerca de 20 dias. No retorno da prisão e ao tentarem reassumir suas funções legislativas, o PSD cassa seus mandatos. Integrava a bancada pessedista Antônio Guglielmi Sobrinho (presidente da Câmara), Fidelis Barato, Nelson Alexandrino, Pedro Guidi e Edegar Cândido da Rosa, que havia assumido com a posse de Junkes na prefeitura. “Surpreendentemente”, o ato de cassação dos dois parlamentares petebistas não consta dos livros de atas de registros daquele poder (TRICHÊS. ZANELATTO, 2015).

Em setembro, os vereadores cassados impetram mandado de segurança na 2ª Vara da Justiça. No início de novembro, o juiz Ayres Gama Ferreira de Mello manda a Câmara reintegrar os cassados que são convocados a retornar no mesmo dia. Na sessão de 11 de novembro, José Martinho Luiz e Abílio dos Santos retornam à Câmara e são saudados da tribuna pelo udenista Fidelis Back. Os cassados agradecem e cumprimentam os demais vereadores (ZANELATTO. TRICHÊS. CAROLA, 2016). O fantasma da cassação tinha chegado ao fim. Entretanto, a marca da ditadura viria com força nos anos seguintes ao golpe: os Atos Institucionais, estes marcariam profundamente a vida sóciopolítico brasileira.

Exército e os grupos dominantes locais: a instalação do 28º GAC na cidade

Segundo o historiador Uruguaio René Dreifuss⁷ (1981), a Escola superior de Guerra teve um papel no estabelecimento de relações orgânicas entre militares e civis (em especial os empresários) que foram decisivas para o golpe. Pode-se afirmar que estas relações permearam toda a ditadura. Estudo recente, do historiador Pedro Campos (2014) demonstraram a estreita relação entre empreiteiras brasileiras e a ditadura. Em Criciúma o estabelecimento de relações entre os empresários, políticos locais com os militares ficou muito bem explícito quando da instalação do GAC - 28º Grupo de Artilharia de Campanha em 1977.

Como já exposto na primeira sessão deste artigo, em Criciúma, antes do golpe militar empresários do setor carbonífero preocupados com a forte organização do Sindicato dos mineiros, articularam-se e conseguiram dividir o Sindicato. No final de 1961 criaram a Associação e no início do ano seguinte conseguiram a carta sindical, que transformou a associação no Sindicato dos Trabalhadores na Extração de Carvão do Distrito de Rio Maina. Criaram um sindicato na mesma base territorial, o que era/é proibido pela legislação trabalhista brasileira (ZANELATTO. TRICHÊS. CAROLA, 2016). Criado com o objetivo de enfraquecer o Sindicato dos Mineiros “pode ser considerado caso raro no Brasil, pois quebra a regra da unicidade sindical definida na CLT desde 1943” (MIRANDA, 2013, p.131).

Os mineradores, além de conseguirem a divisão do Sindicato dos Mineiros, controlavam imprensa da cidade - rádio Eldorado e o jornal Tribuna Criciumense (com exceção da rádio Difusora que até o golpe mantinha proximidade com os trabalhadores), exerciam influência na União dos Estudantes Secundaristas de Criciúma, pois esta entidade vinha na contramão do movimento estudantil em âmbito estadual e nacional que faziam oposição à ditadura civil-militar⁸. Além disso, o padre Estanislau Cizeski era um forte aliado dos empresários da mineração.

As preocupações dos mineradores com organização dos trabalhadores de Criciúma e região carbonífera contribuíram para a aproximação com os militares. Os dois setores tinham preocupações com os movimentos sociais locais, a cidade era vista por estes como a “Cuba” brasileira. Logo após o golpe começaram as conversações para a construção de um quartel na cidade. O jornal Tribuna Criciumense publicava um mês após o golpe a matéria intitulada “Um

⁷ Segundo o autor os setores dominantes orgânicos escolados na ESG e também no IPES-IBAD empenharam-se em desmobilizar, desarticular os movimentos sociais - estudantis, operários, camponeses...

⁸ Um exemplo desta assertiva foi a participação de dois membros da UESC – Archimedes Napolini e Mario Belolli em Cursos ministrado por Golbery do Couto e Silva afim de apreenderem a identificar comunistas. (VITALI, 2013).

quartel para a capital do carvão” conclamando aos setores dominantes da cidade para viabilizar a construção do quartel. “É provável que Criciúma possua brevemente um quartel... necessitando para êxito desse proposito da cooperação de nossa cidade através de seu prefeito e de todas mais entidades representativas.” (TRIBUNA CRICIUMENSE, maio de 1964).

A viabilização do quartel em Criciúma configurou-se em uma negociação entre os dirigentes do poder local, e os militares. Em maio de 1964, Sebastião Netto Campos minerador e político da cidade convocou uma reunião com Sindicato dos mineradores cujo objetivo era viabilizar os recursos para início da construção do quartel. Os mineradores prontamente abraçaram o projeto conforme exposto pelo jornal Tribuna Criciumense: “foi autorizado ao diretor do Sindicato a doar em nome daquela classe dez hectares de terra localizados próximo a Cidade Mineira e mais uma importância inicial de 10 milhões de cruzeiros para o fim específico da instalação de um quartel em Criciúma. (TRIBUNA CRICIUMENSE, maio de 1964).

É possível inferir que os recursos provenientes dos mineradores não foram suficientes para a construção do quartel, pois efetivamente a obra teve início somente em 1976 e não foi no terreno que supostamente o Sindicato dos mineradores teria doado. As obras iniciaram com a intervenção do poder público municipal durante a gestão do prefeito Argemiro Manique Barreto que era também empresário na cidade e viabilizou os recursos com outros empresários, desapropriou um terreno na Quarta Linha (bairro do município) e iniciou as obras. Segundo o prefeito:

Então aí nós começamos as obras.... Quem chega lá observa: há um aterro bastante grande... E construímos este pavilhão aqui, o rancho. Isso aqui, os mineradores, os ceramistas, liderados mais uma vez por seu Diomicio Freitas. Graças a ele. Eu falei com ele. Ele disse: “Vamos reunir o pessoal”. Reuni o pessoal na prefeitura. Disse: “Olha, vocês têm que me ajudar com 100 mil reais cada um.” Então cada ceramista e minerador, que no caso foi o seu João Janete e o Cechinel, que era o dono da Cesaca, doaram 200 mil. O seu Diomicio Freitas também, 200 mil. Os demais mineradores entraram com 10 mil, perfazendo um milhão e cem. Nós construímos por nossa conta. Esse dinheiro foi canalizado aos cofres da prefeitura. Nós construímos e entregamos. E, independente disso, foi levado água, que não tinha na época, que a CASAN nos ajudou levando água, a energia, né toda a terraplanagem. Em resumo, tudo aquilo que tinha que ser feito foi feito para que facilitasse o espaço e a implantação do quartel. (TEMPOS ACADÊMICOS, 2003, p. 110).

Fica explícito na citação a articulação entre o poder público municipal e os empresários da cidade, mas agora além dos mineradores os ceramistas entraram com os recursos para

Zanelatto, Guerra Fria e ditadura civil-militar na capital do carvão

viabilizar a construção do quartel. Era o processo de diversificação econômica que se processava a passos largos na cidade e que por sua vez atraía trabalhadores provenientes dos vários municípios do sul catarinense. Esta crescente concentração do número de trabalhadores na cidade preocupava os empresários e também os militares. Portanto a instalação do quartel em Criciúma facilitava “acompanhar a movimentação da cidade e desencadear medidas repressivas com mais rapidez e eficiência, mantendo a ordem que tanto interessava aos militares e à elite dirigente.” (TEMPOS ACADÊMICOS, 2001, p. 111).

Com a conclusão das obras, foi transferida para Criciúma uma unidade do exército que estava provisoriamente instalada na cidade de São Francisco do Sul - região norte do estado. A partir de 1977 a sociedade cricumense em especial os supostos comunistas e os sindicalistas passaram a ser acompanhados de perto pelo serviço de espionagem do exército (ZANELATTO. TRICHÊS. CAROLA, 2016).

Considerações finais:

...o tema trabalho, trabalhadores e movimento sindical tem caminhado à margem dos estudos sobre ditadura no Brasil. Tornou-se, por fim, uma temática um tanto quanto old fashion (CORREA. PONTES, 2016, p. 133).

A citação acima configura-se de uma preocupação de Correa e Pontes (2016) sobre a ausência de trabalhadores e de suas organizações nos estudos sobre a ditadura. Os autores apontam um conjunto de questões abordadas por uma recente historiografia e destacam “algumas das lacunas e dos desafios dessa produção, em particular no campo da história política e social do Brasil recente” (CORREA. PONTES, 2016, p. 132).

Caminhando na esteira da produção historiográfica recente o artigo demonstrou que a capital do carvão (como ficou conhecida a cidade do Criciúma ao longo do século XX, em especial depois da Segunda Guerra Mundial) foi palco de intensas disputas entre capital e trabalho no contexto da guerra fria e ditadura civil-militar.

De um lado, os trabalhadores das minas de carvão que com a expansão do setor foram se organizando ao longo da década de 1940, criaram uma Associação e posteriormente transformada em Sindicato no ano de 1945. Em torno do Sindicato travaram intensas disputas com os mineradores para melhorarem seus salários, condições de trabalho e moradia, militaram também nos partidos de oposição – PCB e PTB e tentaram resistir ao golpe.

Por outro lado, os mineradores (posteriormente a diversificação constituiu outros setores empresariais) buscaram controlar os trabalhadores, criaram várias estratégias para evitar suas lutas e articulação política, se utilizaram da imprensa, dividiram o Sindicato dos Mineiros, apoiaram o golpe militar e posteriormente a ditadura. Temendo a organização dos trabalhadores articularam com os setores militares a instalação do GAC - 28º Grupo de Artilharia de Campanha em 1977.

Portanto, o artigo demonstrou como a imprensa local (seguindo o que de modo geral ocorreu com a maioria da imprensa nacional) configurou-se em um instrumento dos setores dominantes locais na disseminação de uma narrativa anticomunista (antes e durante a ditadura) que visava atacar a organização dos trabalhadores, em especial o Sindicato dos Mineiros a Rádio Difusora e os militantes do PCB e PTB.

A partir da entrevista com o Presidente do Sindicato dos Mineiros e do relatório do Coronel Newton Machado, responsável por instalar um Inquérito Policial Militar no Sul Catarinense, foi possível revelar a movimentação dos trabalhadores na tentativa de resistir ao golpe como havia acontecido em 1961 com a Campanha da Legalidade. Esperavam uma resistência do presidente João Goulart, fato que não ocorreu. Com a consolidação do golpe os espaços de atuação dos trabalhadores foram atacados – o Sindicato dos Mineiros sofreu intervenção, boa parte da diretoria foi presa, a Rádio Difusora foi fechada, vereadores do PTB tiveram seus mandatos cassados.

Como exposto, ao longo da década de 1960 e 1970 os empresários da cidade e os militares foram muito próximos, e juntos criaram as condições para instalação do GAC - 28º Grupo de Artilharia de Campanha em Criciúma. A presença militar significou um maior controle/vigilância das ações dos trabalhadores. Entretanto, isso não significou a desmobilização dos trabalhadores que continuaram criando maneiras de atuarem. Em outubro de 1979 no contexto das greves do ABC paulista os trabalhadores de Criciúma pararam a cidade com greves dos metalúrgicos, mineiros, ceramistas e motoristas, mas o estudo dessas mobilizações fica para outro escrito.

Referências

CAMPOS, Pedro Henrique Pedreira. **Estranhas catedrais**. As empreiteiras brasileiras e a Ditadura Civil-Militar. Rio de Janeiro: Editora da UFF/Faperj, 2014.

CAMPOS, Sebastião Netto. **Uma biografia com um pouco da história do carvão catarinense**. Florianópolis: Insular, 2001.

COIMBRA, David. **Atravessando a escuridão**: memórias de um comunista casual. Criciúma, SC: Editora da UNESCO, 1996.

CORREA, Larissa Rosa. FONTES, Paulo Roberto Ribeiro. As falas de Jerônimo: Trabalhadores, sindicatos e a historiografia da ditadura militar brasileira. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 23, n. 43, p. 129-151, jul. 2016

DREIFUSS, René Armand. **1964**: a conquista do Estado. Petrópolis: Vozes, 1981.

GOULARTI FILHO, Alcides & NETO, Roseli Jenoveva. **A Indústria do Vestuário**: economia, estética e tecnologia. (Cl. Teses) Florianópolis, Letras Contemporâneas, 1997.

HOBBSAWM, Eric John. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil**. São Paulo: Editora Perspectiva/Fapesp, 2002.

NAPOLITANO, Marcos. **1964**: História do Regime Militar Brasileiro. São Paulo: Contexto, 2014.

NEGRO, Antonio Luigi. Ditadura nas fábricas do ABC e São Paulo. Verdades reveladas sobre os trabalhadores durante a ditadura. **Relatório da comissão nacional da memória, verdade e justiça da CUT / Central Única dos Trabalhadores** - Comissão Nacional da Memória, Verdade e Justiça – São Paulo: Central Única dos Trabalhadores, 2015.

LEMOS, Gustavo Perez. **Mineiros e Sindicalistas na cidade do carvão**: Criciúma (1953-1964). Florianópolis: UFSC, 2008 (Dissertação de Mestrado em História).

OLIVEIRA Sergio Murilo Ferreira de. Os trabalhadores urbanos e a ditadura militar. **Rev. Adm. públ.**, Rio de Janeiro, 21(2):24-36, abr./jun. 1987.

TEIXEIRA, José Paulo. **Os donos da cidade**. Florianópolis, ED. Insular, 1996.

TRICHÊS, Janete; ZANELATTO, João Henrique. **História Política de Criciúma no século XX**. Criciúma, SC: UNESCO, 2015.

SANTOS, Maurício Aurélio dos. **Crescimento e Crise na Região Sul de Santa Catarina**. Florianópolis, Ed. da UDESC, 1997.

SANTOS, Maurício Aurélio dos. **Acumulação e geração de emprego e diversificação da economia no Sul de Santa Catarina: Carvão, cerâmica e indústria do plástico.** São Paulo: USP. FFLCH, 2002 (tese de Doutorado em História).

SANTANA, Marco Aurélio. Ditadura Militar e resistência operária: O movimento sindical brasileiro do golpe à transição democrática. **Revista Política & Sociedade**, Nº 13 – outubro de 2008.

RAMALHO, José Ricardo. ESTERCI, Neide Esterci. Militantes e assessores: compromisso com as classes populares e resistência à ditadura. **Revista Mundos do Trabalho** | vol. 6 | n. 11 | janeiro-junho de 2014.

Revista **Tempos Acadêmicos**, n.1, 2003, Criciúma, SC.

RODRIGUES, José Albertino. **Sindicato e desenvolvimento social no Brasil.** São Paulo: Difel, 1968.

RODRIGUES, Leôncio Martins. **Conflito industrial e sindicalismo no Brasil.** São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1966.

VITALI, Marli Paulina. **União dos estudantis secundários de Criciúma (UESC): entre o conservadorismo e a resistência.** Criciúma: UNESC, 2013. (Dissertação de Mestrado em Educação).

VIEIRA, Jaci Guilherme. **História do PCB em Santa Catarina – da sua gênese até a Operação Barriga Verde – 1992 a 1975.** Florianópolis, UFSC. (Dissertação de mestrado em história).

VIZENTINI, Paulo Gilberto Fagundes. Do nacional-desenvolvimentismo à Política Externa Independente. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 195-216.

VOLPATO, Terezinha Gascho. **A Pirita Humana: os mineiros de Criciúma.** Florianópolis, Ed. UFSC/Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1984.

ZANELATTO, João Henrique. TRICHÊS, Janete. CAROLA, Carlos Renato. Do Golpe Militar a Instalação do 28º Grupo de Artilharia de Campanha (GAC): à ditadura civil-militar na capital nacional do carvão (1964 -1977). **Antíteses**, v. 9, n. 17, p. 200-221, jan./jun. 2016.

ZANELATTO, João Henrique. CAMPOS Krislaine da Cruz De. Comunismo e Anticomunismo no jornal Tribuna Criciumense - 1955 - 1965. **Diálogos**, v.22, n.2, (2018) 98-119.

Fontes consultadas

Jornal Tribuna Criciumense 1955 a 1968

Entrevistas:

Jorge João Feliciano, entrevistado em 20 outubro 1992 por Janete Trichês.

Data de Submissão: 30/04/2020

Data da Avaliação: 01/06/2020